

Na escultura recente de Susana Piteira encontro uma forma que sempre me tem fascinado: – a espiral – um dos mais antigos desenhos simbólicos.

Ela existe na natureza, quer animal: – conchas marinhas, caracóis – quer vegetal, como nas gavinhas ou volubilis. (No próprio corpo humano temos uma pequena voluta no ouvido interno. Pequena mas que é a sede do equilíbrio...)

Também a onda se enrola sobre si própria, o turbilhão, o remoinho, são formas espiraladas.

Não admira, portanto, que a espiral esteja desde sempre carregada de simbolismo, evocando a evolução de uma força, de um estado. Estou a citar o Dicionário dos Símbolos, de Jean Chevalier: – «A espiral é um motivo simples: trata-se de uma linha que se enrola sobre si própria, à imitação talvez de numerosas espirais que encontramos na natureza (...) É um motivo *aberto* e optimista: nada mais fácil, quando se parte de uma extremidade dessa espiral, que alcançar a outra extremidade.

A espiral é – e simboliza – emanação, extensão, desenvolvimento, continuidade cíclica mas em progressão, rotação criativa.

A espiral relaciona-se com o simbolismo cósmico da lua; com o simbolismo erótico da vulva; com o simbolismo aquático da concha; com o simbolismo da fertilidade.

Representa, em suma, os ritmos repetidos da vida, o carácter cíclico da evolução.

A espiral, aparece em todas as culturas (...) O simbolismo da concha espiralada é reforçado por especulações matemáticas, que dela o signo do equilíbrio no desequilíbrio, *da ordem no seio da mudança.*»

O desenho da espiral aparece em antigas inscrições celtas associado ao culto solar; o caracol é um símbolo tradicional de protecção e abrigo dos camponeses do norte da Europa; as gavinhas enroladas eram frequentes em desenhos rúnicos na Escandinávia. As ondas encontram-se nas civilizações antigas do Mediterrâneo como símbolo da água.

A aplicação da espiral a soluções arquitectónicas é já corrente nos assírios e persas – mas são os gregos que dão, através dos capitéis jónicos, uma forma «clássica» à voluta, que perdurará em toda a civilização ocidental. A voluta associada às folhas de acanto aparece nos capitéis coríntio e compósito – que o Renascimento recuperaria. Também em «mísulas» e «modilhões» encontramos volutas na arquitectura clássica.

O estilo Barroco deleitar-se-ia na utilização exuberante destas formas. Elas estão presentes na sua ornamentação com uma frequência quase obsessiva.

Diz José Fernandes Pereira em «Arquitectura Barroca em Portugal»:

– «O Homem tem nas suas profundezas, ou no seu inconsciente freudiano, capacidades latentes que afloram na Arte Barroca de modo inequívoco.» Eugénio d'Ors considerou o Barroco «uma constante cíclica e intemporal», e o «barroquismo» que o acompanha (...) um «estado último da luxúria dos sentidos, da turbulência dinâmica da paixão.»

Volúpia.

Palavra tão profunda na aparência de *robota* mas que, etimologicamente, não terá com ela relação.

Diz o dicionário: – a forma latina VOLVERE, que significa enrolar, rodar, origina VOLTA, VOLUME, VOLVER, VULVA e VOLUTA.

A forma latina VELLE e a sua derivada VOL, que significa querer, desejar, originam VELEIDADE, BENEVOLÊNCIA; VOLIÇÃO, VOLUNTÁRIO e VOLÚPIA, sinónimo de prazer.

E, no entanto, que associação estreita parece existir entre os conceitos *volúpia* e *robota* – mesmo quando esta é disciplinada para usos estéticos de um determinado estilo artístico! Na escultura de Susana Pereira, a espiral tende a libertar-se do carácter ornamental que, por via do Barroco, ainda lhe conferimos, e retoma as formas orgânicas, viscerais, duma natureza reinventada.

Volu(p)tuosidades.

Francisco Pires Keil Amaral